

TEATRO VIVO

*Entre Quatro
Paredes*

*Jean-Paul
Sartre*

ABRIL CULTURAL

5005

ADVERTÊNCIA

A tradução obedece o texto da 33.^a edição de
"THEÂTRE" de Jean-Paul Sartre (NRF, Librairie
Gallimard).

São Paulo, 1949.
GA

PERSONAGENS

INÉS

ESTELLE

GARCIN

O CRIADO

CENA I

Garcin e o Criado do andar

*Um salão Segundo Império. Um
bronze sobre a lareira.*

GARCIN (*entra e olha em torno*)
Pois é.

O CRIADO
Pois é.

GARCIN
Então é assim . . .

O CRIADO
É assim.

GARCIN
Acho . . . Acho que com o tempo a gente se acostuma com os móveis.

O CRIADO
Isso depende das pessoas.

GARCIN

Será que todos os quartos são iguais?

O CRIADO

Que idéia! Recebemos chineses, hindus. Que quer que eles façam com uma poltrona Segundo Império?

GARCIN

E eu? Que quer que eu faça? Sabe quem era eu? Ora! Isso não tem importância. O que é fato é que sempre vivi no meio de móveis de que não gostava, e de situações falsas; achava isso adorável. Que tal uma situação falsa numa sala de jantar Luís Filipe?

O CRIADO

Vai ver: também não ficará mal num salão Segundo Império.

GARCIN

Ah! Bom, bom, bom! *(Olha em torno.)* Em todo caso, por essa eu não esperava. . . Não me diga que não sabe o que se diz por lá!

O CRIADO

Sobre o quê?

GARCIN

Quer dizer. . . *(num gesto vago e largo)* sobre tudo isto.

O CRIADO

Acreditar nessas tolices! Gente que nunca pôs os pés aqui. Se ao menos estivesse estado aqui. . .

GARCIN

É mesmo.

(Riem os dois.)

GARCIN *(ficando sério de repente)*

Onde estão as estacas?

O CRIADO

O quê?

GARCIN

As estacas, as grelhas, os funis de couro.

O CRIADO

Está brincando?

GARCIN *(olhando-o)*

Como? Ah! bem. Não, não estava brincando. *(Um silêncio. Anda um pouco.)* Nem espelhos nem janelas, naturalmente. Nada que seja frágil. *(Com súbita violência)* E por que me tomaram a escova de dentes?

O CRIADO

Aí está. Aí está a dignidade humana que volta. É formidável!

GARCIN (*batendo com raiva no braço da poltrona*)
Nada de familiaridades comigo. Reconheço a minha posição, mas não admito que . . .

O CRIADO

Está bem! Desculpe. Mas, que quer? Todos os fregueses fazem a mesma pergunta. Mal chegam: "Onde estão as estacas?" Garanto que nesse instante nem pensam em fazer sua toailete. Depois, ficam mais calmos, e aí vem a escova de dentes. Mas, pelo amor de Deus, pense um pouco! Afinal de contas, permita que eu lhe pergunte, por que escovar os dentes?

GARCIN (*sossegado*)

É mesmo, por quê? (*Olha em torno.*) E por que olhar nos espelhos? Ao passo que esse bronze, felizmente. . . Creio que há certos momentos em que seria capaz de olhar sem pestanejar. De olhar sem pestanejar, hein? Ora, ora! Não há nada que ocultar; digo-lhe que conheço bem a minha situação. Quer que lhe conte como é que as coisas se passam? O sujeito sufoca, mergulha, afoga, fica apenas com os olhos fora da água, e o que é que ele vê? Um bronze de Barbedienne. Que pesadelo! Com certeza proibiram você de me responder; não insisto. Mas não se esqueça de que ninguém me pilha desprevenido; não vá se gabar de me haver surpreendido; sei encarar a situação de frente. (*Continua a andar.*) Então, nada de escova de dentes. Nada de cama também. Porque não se dorme nunca, não é isso?

O CRIADO

Ora essa!

GARCIN

Eu era capaz de apostar. *Por que é que* a gente havia de dormir? O sono ataca por trás das orelhas. Sente-se que os olhos se fecham, mas por que dormir? A gente se estira num sofá e psst! . . . adeus sono! Então, a gente esfrega os olhos, levanta-se e tudo recomeça.

O CRIADO

Como o senhor é romanesco!

GARCIN

Cale-se. Não vou gritar nem gemer, mas quero encarar de frente a situação. Não quero que ela se atire sobre mim por detrás, sem que eu possa reconhecê-la. Romanesco? Então é que não se tem mesmo necessidade de sono. Por que dormir, se não se tem sono? Ótimo. Espere, espere aí. Por que é que há de ser doloroso, por que é que há de ser forçadamente doloroso? Já sei: é a vida sem interrupção.

O CRIADO

Que interrupção?

GARCIN (*arremedando-o*)

Que interrupção? (*Desconfiado*) Olhe bem para mim! Eu sabia. Aí está o que explica a indiscrição

grosseira e insustentável do seu olhar. De fato, estão atrofiados.

O CRIADO

De que é que o senhor está falando?

GARCIN

Das suas pálpebras. Nós outros, nós batíamos as pálpebras. Chama-se isso piscar. Um pequeno relâmpago negro, uma cortina que cai e se ergue: deu-se a interrupção. Os olhos se umedecem, o mundo se aniquila. Você não pode imaginar como era refrescante. Quatro mil repousos por hora. Quatro mil pequenas evasões. Quatro mil, digo eu . . . Como é? Então vou viver sem pálpebras? Não se faça de bobo. Sem pálpebras, sem sono, é a mesma coisa. Nunca mais hei de dormir . . . Como poderei me tolerar? Trate de compreender, faça um esforço: tenho um caráter implicante, como você vê, e tenho o costume de implicar comigo. Mas . . . não posso estar implicando sem parar: lá embaixo havia as noites. Eu dormia. Tinha o sono leve. Em compensação, sonhava coisas simples. Havia uma campina. Uma campina, nada mais. Eu sonhava que estava passeando por ela. É de dia?

O CRIADO

Como vê, as lâmpadas estão acesas.

GARCIN

De fato! É esse o dia *de vocês*. E lá fora?

O CRIADO (*estupefato*)

Lá fora?

GARCIN

Lá fora, do outro lado destas paredes.

O CRIADO

Há um corredor.

GARCIN

E no fim desse corredor?

O CRIADO

Há outros quartos, outros corredores e escadas.

GARCIN

E que mais?

O CRIADO

Nada mais.

GARCIN

Você, naturalmente, tem um dia de folga. Aonde costuma ir?

O CRIADO

À casa de meu tio, que é chefe dos criados, no terceiro andar.

GARCIN

Eu devia ter desconfiado. Onde está o interruptor da luz?

O CRIADO
Não existe.

GARCIN
Como é? Não se pode apagar?

O CRIADO
A diretoria pode cortar a corrente elétrica. Mas não me lembro se já aconteceu isso neste andar. Temos eletricidade à vontade.

GARCIN
Muito bem. Quer dizer que a gente tem que viver de olhos abertos. . .

O CRIADO (*irônico*)
Viver. . .

GARCIN
Não vá me aborrecer agora por uma questão de vocabulário. De olhos abertos. Para sempre. Será pleno dia nos meus olhos. E na minha cabeça. (*Pausa.*) E se eu atirasse esse bronze contra a lâmpada elétrica, será que ela se apagaria?

O CRIADO
É muito pesado.

GARCIN (*tomando o bronze entre as mãos e tentando erguê-lo*)
Tem razão. É muito pesado.

(*Um silêncio.*)

O CRIADO
Se não precisa mais de mim, vou retirar-me.

GARCIN (*sobressaltado*)
Vai-se embora? Até logo. (*O Criado chega até a porta.*) Espere. (*O Criado volta-se.*) É uma campanha elétrica isso aí? (*O Criado faz sinal que sim.*) Posso tocar quando quiser, e você tem obrigação de vir?

O CRIADO
Em princípio, sim. Mas a campanha é caprichosa. Há qualquer coisa errada no seu mecanismo.

(*Garcin vai até a campainha, aperta o botão. Ouve-se tocar.*)

GARCIN
Funciona!

O CRIADO (*espantado*)
Funciona. (*Toca também.*) Mas não se entusiasme muito. Isso não dura. Então, às suas ordens.

GARCIN (*num gesto para detê-lo*)
Eu. . .

O CRIADO
O que há?

GARCIN

Não, não é nada. *(Vai até a lareira e toma a faca de cortar papel.)* Isto o que é?

O CRIADO

Não está vendo? Um cortapapel.

GARCIN

Há livros por aqui?

O CRIADO

Não.

GARCIN

Então, para que isto? *(O Criado dá de ombros.)*
Está bem. Pode retirar-se.

(O Criado sai.)

CENA II

Garcin, só.

(Garcin vai até o bronze e alisa-o com a mão. Senta-se. Levanta-se. Vai até a campainha e aperta. Experimenta duas ou três vezes. Em vão. Dirige-se à porta e tenta abri-la. Não consegue. Chama.)

GARCIN

Garçom! Garçom!

(Nenhuma resposta. Esmurra a porta, chamando o Criado. Depois, acalma-se subitamente e senta-se. Nesse instante, abre-se a porta e entra Inês, acompanhada do Criado.)

CENA III

Garcin, Inês, o Criado

O CRIADO (*a Garcin*)
O senhor me chamou?

(Garcin vai responder, mas olha para Inês.)

GARCIN
Não.

O CRIADO (*dirigindo-se a Inês*)
Está em sua casa, minha senhora. (*Silêncio de Inês.*)
Se tiver alguma pergunta a me fazer . . . (*Inês continua calada.*)

O CRIADO (*desapontado*)
Os fregueses geralmente gostam de pedir informações . . . Não importa. Além do mais, quanto à escova de dentes, a campainha e o bronze de Barbedienne, esse senhor está ao corrente de tudo e poderá informar tão bem quanto eu.

(Sai. Silêncio. Garcin não olha para Inês. Inês observa em redor e dirige-se bruscamente a Garcin.)

INÊS

Onde está Florence? (*Silêncio de Garcin.*) Pergunto-lhe onde está Florence.

GARCIN

Não sei de nada.

INÊS

Foi só isso que conseguiu descobrir? A tortura pela ausência? Pois falhou. Florence era uma bobinha e não me faz falta.

GARCIN

Queira perdoar-me: quem está pensando que eu sou?

INÊS

O senhor? O senhor é o carrasco.

GARCIN (*sobressalta-se e põe-se depois a rir*)

É um equívoco engraçadíssimo. O carrasco: é boa! A senhora entrou, olhou para mim, e pensou: é o carrasco. Que extravagância! O criado é um ridículo: deveria ter-nos apresentado. O carrasco! Eu sou Joseph Garcin, publicista e homem de letras. O fato é que estamos hospedados na mesma casa. Senhora. . .

INÊS

Inês Serrano. Senhorita.

GARCIN

Muito bem. Perfeito. Pois é, derreteu-se o gelo. Quer dizer que a senhora me acha com cara de carrasco? Quer fazer o favor de me dizer como é que se reconhecem os carrascos?

INÊS

Têm cara de quem tem medo.

GARCIN

Medo? É esquisitíssimo? Medo de quem? De suas vítimas?

INÊS

Ora! Sei bem o que estou dizendo. Olhei no espelho.

GARCIN

No espelho? (*Olha em torno.*) Que maçada! Tiraram daqui tudo quanto pudesse parecer-se com um espelho. (*Um tempo.*) Em todo caso, posso garantir-lhe que não tenho medo. Não considero levianamente a situação e estou perfeitamente consciente de sua gravidade. Mas não tenho medo.

INÊS (*dando de ombros*)

Isso é com o senhor. (*Um tempo.*) Será que o senhor sai de vez em quando para um passeio?

GARCIN

A porta está trancada.

INÊS

É pena.

GARCIN

Compreendo muito bem que minha presença a aborreça. E, se dependesse de mim, preferiria estar só. Tenho que pôr a vida em ordem e preciso de sossego. Mas tenho certeza de que nos acostumaremos um ao outro: não falo, quase não me movo, e faço pouco barulho. Apenas, se me atrevo a dar um conselho, será bom conservarmos entre nós uma extrema polidez. Será nossa melhor defesa.

INÊS

Não sou bem-educada.

GARCIN

Eu o serei por dois.

(Um silêncio. Garcin está sentado no sofá. Inês, andando de um para outro lado.)

INÊS *(olhando-o)*

Essa boca.

GARCIN *(voltando a si)*

Como é?

INÊS

Não é capaz de fazer parar sua boca? Ela gira como um pião debaixo do nariz.

GARCIN

Desculpe. Não tinha percebido.

INÊS

É justamente o que estou censurando. *(Tique de Garcin.)* De novo! Pretende ser bem-educado e deixa sua cara assim à toa. O senhor não está sozinho e não tem o direito de me impor o espetáculo do seu medo.

(Garcin ergue-se e dirige-se a ela.)

GARCIN

E a senhora? Não tem medo?

INÊS

Para quê? O medo era bom *antes*, quando tínhamos esperança.

GARCIN *(com doçura)*

Não há mais esperança, mas estamos sempre *antes*. Ainda não começamos a sofrer.

INÊS

Bem sei. *(Um tempo.)* Então, que é que vai acontecer?

GARCIN

Não sei. Estou esperando.

(Um silêncio. Garcin vai sentar-se de

novo. Inês continua a andar. Garcin tem um tique nervoso na boca, e ao olhar para Inês esconde o rosto nas mãos. Entram Estelle e o Criado.)

CENA IV

Inês, Garcin, Estelle, o Criado
(Estelle olha para Garcin, que não ergueu a cabeça.)

ESTELLE (a Garcin)

Não! Não, não, não erga a cabeça. Eu sei o que você está escondendo nas mãos, eu sei que você não tem cara. (Garcin tira as mãos do rosto.) Ah! (Um tempo. Surpreendida) Não conheço o senhor.

GARCIN

Eu não sou o carrasco, minha senhora.

ESTELLE

Não pensei que fosse o carrasco. Eu . . . Pensei que alguém me quisesse pregar uma peça. (Ao Criado) Quem mais está esperando?

O CRIADO

Ninguém mais.

ESTELLE (aliviada)

Ah! Então, vamos ficar só nós três: o senhor, a senhora e eu? (Põe-se a rir.)

GARCIN (*secamente*)
Não vejo razão para rir.

ESTELLE (*rindo sempre*)
É que esses sofás são medonhos! E vejam como estão colocados! Parece que é dia de ano-bom e que estou visitando minha tia Maria. Cada qual tem o seu, imagino. É este o meu? (*Ao Criado*) Nunca que eu seria capaz de sentar-me nele: é uma catástrofe! Estou de azul-claro e ele é verde-espinafre!

INÊS
Quer ficar com o meu?

ESTELLE
O sofá bordô? A senhora é muito amável, mas isso pouco adiantaria. Não. O que fazer? Cada qual com o que é seu. Coube-me o verde, fico com ele. (*Um tempo.*) O único que combinaria bem é o desse senhor.

(*Um silêncio.*)

INÊS
Está ouvindo, Garcin?

GARCIN (*sobressaltado*)
O . . . sofá. Oh! Perdão! (*Levanta-se.*) É seu, minha senhora.

ESTELLE
Obrigada. (*Tira o mantô e deixa-o sobre o sofá. Um tempo.*) Já que temos que morar juntos, vamos nos apresentar. Chamo-me Estelle Rigault.

(*Garcin inclina-se e vai se apresentar, quando Inês se interpõe.*)

INÊS
Inês Serrano. Prazer em conhecê-la.

(*Garcin inclina-se de novo.*)

GARCIN
Joseph Garcin

O CRIADO
Precisam ainda de mim?

ESTELLE
Não, pode ir. Se precisar, chamarei.

(*O Criado inclina-se e sai.*)

CENA V

Inês, Garcin, Estelle

INÊS

A senhora é muito bonita. Eu queria ter flores para lhe desejar as boas-vindas.

ESTELLE

Flores? É mesmo. Gostava muito de flores. Aqui elas murchariam: faz tanto calor. O principal, não acha? é conservar o bom humor. A senhora está. . .

INÊS

Sim, a semana passada. E a senhora?

ESTELLE

Eu? Ontem. A cerimônia ainda não acabou. *(Fala com muita naturalidade, mas como se estivesse vendo o que descreve.)* O vento desmanchava o véu de minha irmã. Ela faz o que pode para chorar. Vamos, vamos! Mais um esforço! Aí está. Duas lágrimas, duas lágrimas pequenas brilhando sob o crepe. Olga Jardet está muito feia esta manhã. Sustém minha irmã pelo braço. Não chora, por causa do rímel. E devo confessar que eu, no seu lugar. . . Era minha melhor amiga.

INÊS

Sofreu muito a senhora?

ESTELLE

Não. Estava antes embrutecida.

INÊS

O que foi que . . .

ESTELLE

Uma pneumonia. (*Mesma atitude.*) Pronto. Acabou-se. Vão-se embora todos. Bom dia! Bom dia! Quantos apertos de mão! Meu marido ficou em casa: está doente de pesar. (*A Inês*) E a senhora?

INÊS

O gás.

ESTELLE

E o senhor aí?

GARCIN

Doze balas no peito. (*Gesto de Estelle.*) Desculpe-me, não sou um morto de boa sociedade.

ESTELLE

Oh! meu caro senhor! se quisesse deixar de empregar palavras tão cruas assim! . . . É . . . é "chocante". Afinal de contas, o que significa isso? Quem sabe se nunca estivesse tão vivo como agora? Quando for preciso referir-se a este . . . estado de

coisas, proponho que nos chamemos "ausentes", será mais correto. O senhor há quanto tempo está ausente?

GARCIN

Há um mês, mais ou menos.

ESTELLE

De onde é o senhor?

GARCIN

Do Rio.

ESTELLE

Eu, de Paris. Tem ainda alguém por lá?

GARCIN

Minha mulher. (*Mesma atitude de Estelle.*) Ela veio ao quartel, como todos os dias; não a deixaram entrar. Olha entre as barras da grade. Ainda não sabe que estou ausente, mas desconfia. Vai-se embora, agora. Está toda de preto. Tanto melhor: não precisará mudar de vestido. Ela não chora: não chorava nunca. O sol está lindo, e ela está toda de preto na rua deserta, com aqueles seus grandes olhos de vítima. Ah! Ela me irrita.

(*Um silêncio. Garcin vai sentar-se no sofá do meio, e esconde a cabeça entre as mãos.*)

INÊS

Estelle!

ESTELLE

Senhor, senhor Garcin!

GARCIN

Senhora?

ESTELLE

O senhor sentou-se no meu sofá.

GARCIN

Perdão. *(Levanta-se.)*

ESTELLE

Parecia distraído.

GARCIN

Estou pondo minha vida em ordem. *(Inês começa a rir.)* Os que riem fariam melhor se me imitassem.

INÊS

Minha vida está em ordem. Perfeitamente em ordem. Ela mesma se pôs em ordem por lá; não tenho que me preocupar com isso.

GARCIN

Verdade? E a senhora acha isso uma coisa simples. *(Passa a mão pela testa.)* Que calor! Dão-me licença? *(Faz menção de tirar o paletó.)*

ESTELLE

Ah! não! *(Com mais doçura)* Isso não. Tenho horror a homens em mangas de camisa.

GARCIN *(vestindo de novo o paletó)*

Está bem. *(Um tempo.)* Passava as noites nas salas de redação. Fazia sempre um calor de esterco. *(Mesma atitude anterior)* Faz um calor de esterco. É noite.

ESTELLE

É verdade! Já é de noite. Olga se despe. Como o tempo passa depressa na terra.

INÊS

É de noite. Lacraram a porta do meu quarto. E o quarto está vazio no escuro.

GARCIN

Eles puseram os paletós no encosto das cadeiras e enrolaram as mangas da camisa acima dos cotovelos. Há um cheiro de homem e de charuto. *(Um silêncio.)* Eu gostava de viver no meio de homens em mangas de camisa.

ESTELLE *(secamente)*

Pois é, não temos o mesmo gosto. É tudo o que isso quer dizer. *(A Inês)* E a senhora? Gosta de homens em mangas de camisa?

INÊS

Com camisa ou não, não gosto muito de homens.

ESTELLE *(olhando com espanto os dois outros)*

Mas por que, por que nos puseram juntos?

INÊS *(num grito abafado)*

Que está dizendo?

ESTELLE

Olho para vocês dois e penso que temos que viver juntos. . . Eu esperava encontrar aqui amigos, família.

INÊS

Um excelente amigo com um buraco no meio da cara.

ESTELLE

Esse também. Dançava tango como um profissional. Mas nós, nós, por que foi que nos juntaram?

GARCIN

Ora, por acaso! Eles vão arrumando a gente onde podem, por ordem de chegada. *(A Inês)* Por que está rindo?

INÊS

Porque o senhor me diverte com essa história de acaso. Será que o senhor tem tanta necessidade de ter certeza? Eles não fazem nada por acaso.

ESTELLE *(com timidez)*

Mas quem sabe se já nos encontramos antes?

INÊS

Nunca. Eu não a teria esquecido.

ESTELLE

Então, quem sabe, temos relações comuns? Não conhecemos Dubois-Seymour?

INÊS

Acho que não.

ESTELLE

Recebem todo o mundo.

INÊS

E o que fazem?

ESTELLE *(surpresa)*

Nada. Têm um castelo em Corrèze e . . .

INÊS

Eu . . . eu era empregada dos correios.

ESTELLE *(num pequeno recuo)*

Ah? Então explica-se . . . *(Um tempo.)* E o senhor, senhor Garcin?

GARCIN

Nunca saí do Rio.

ESTELLE

Nesse caso, o senhor tem toda a razão, foi o acaso que nos juntou.

INÊS

O acaso! Então, é por acaso que estes móveis estão aqui? É por acaso que o sofá da direita é verde-espinafre e o da esquerda é bordô? Por acaso, não é? Pois experimentem trocá-los de lugar, e vão ver o que acontece. E esse bronze, também é um acaso? E este calor? Este calor? *(Um silêncio.)* O que lhes digo é que tudo isto foi preparado com carinho, nos mínimos detalhes. Este aposento estava à nossa espera.

ESTELLE

Mas, como assim? Tudo aqui é tão feio, tão duro, tão anguloso. Eu tinha horror aos ângulos.

INÊS (erguendo os ombros)

Pensa então que eu vivia num salão Segundo Império?

(Um tempo.)

ESTELLE

Então, tudo é previsto?

INÊS

Tudo. E nós combinamos com isso tudo.

ESTELLE

Não será por um acaso que a senhora, a senhora está a *minha* frente? *(Um tempo.)* Que é que eles esperam?

INÊS

Não sei. Mas esperam.

ESTELLE

Não posso tolerar que esperem qualquer coisa de mim. Isso me dá logo vontade de fazer o contrário.

INÊS

Pois então faça! Nem ao menos sabe o que eles querem!

ESTELLE (batendo o pé)

É insuportável. E será por culpa de vocês dois que alguma coisa deve me acontecer? *(Olha-os.)* De vocês dois. Havia rostos que me falavam logo. Os seus não me dizem nada.

GARCIN (bruscamente, a Inês)

Vamos! Por que é, então, que estamos juntos? Já disse muita coisa, vá até o fim!

INÊS (surpresa)

Não sei nada disso, absolutamente nada.

GARCIN

Precisa saber. (Reflete por um momento.)

INÊS

Se algum de nós tivesse ao menos a coragem de dizer . . .

GARCIN

O quê?

INÊS

Estelle!

ESTELLE

Que é?

INÊS

Que foi que a senhora fez? Por que a mandaram para aqui?

ESTELLE (com vivacidade)

Mas eu não sei, não sei absolutamente nada. Pergunto-me mesmo se isso tudo não será um equívoco. (A Inês) Não dê risada. Pense só na quantidade de gente que . . . que se ausenta cada dia. Chegam aqui aos milhares e têm que tratar com subalternos, com empregados sem instrução. Como quer que não haja equívocos? Não dê risada, não. (A Garcin) E o senhor, diga alguma coisa. Se se enganaram no meu caso, também podiam ter se enganado no seu. (A Inês) E no seu também. Não será melhor pensar que estamos aqui por equívoco?

INÊS

É tudo o que nos tem a dizer?

ESTELLE

Que mais quer saber? Não tenho o que esconder. Eu era órfã e pobre, e educava meu irmão mais moço. Um velho amigo de meu pai pediu-me em casamento. Era rico e bom, eu aceitei. Que faria a senhora no meu lugar? Meu irmão era doente e sua saúde reclamava os maiores cuidados. Seis anos vivi com meu marido, sem o menor contratempo. Há dois anos, encontrei aquele que eu devia amar. Reconhecemo-nos incontinenti, ele queria fugir comigo e recusei. Depois, tive a minha pneumonia. É tudo. Invocando certos princípios, talvez haja quem possa me culpar de ter sacrificado a um velho a minha mocidade. (A Garcin) Acha que isso seja um crime?

GARCIN

Claro que não. (Um tempo.) E a senhora acha que seja um crime viver segundo seus princípios?

ESTELLE

Quem poderia censurá-lo por isso?

GARCIN

Eu dirigia um jornal pacifista. Rebentou a guerra. Que fazer? Todos os olhos estavam grudados em mim. "Vamos ver se ele terá coragem!" Pois tive coragem. Cruzei os braços e eles me fuzilaram. Que crime há nisso? Que crime?

ESTELLE (pousando-lhe a mão no braço)

Não há crime. O senhor é. . .

INÊS (concluindo com ironia)

Um herói. E sua mulher, Garcin?

GARCIN

Que é que tem? Tirei-a da sargeta.

ESTELLE (a Inês)

Está vendo? Está vendo?

INÊS

Estou vendo. (*Um tempo.*) Para quem está representando essa comédia, se estamos entre nós?

ESTELLE (com insolência)

Entre nós?

INÊS

Entre assassinos. Estamos no inferno, minha filha; e aí não pode haver erros, e não se condena ninguém à toa.

ESTELLE

Cale-se!

INÊS

No inferno! Condenados! Condenados!

ESTELLE

Cale-se! Faça o favor de calar-se. Proíbo-a de empregar expressões grosseiras.

INÊS

Condenada, a santinha. Condenado, o herói sem mácula. Tivemos nossos momentos de prazer, não é verdade? Houve pessoas que sofreram por nós até a morte, e isso nos divertia bastante. Agora, temos que pagar.

GARCIN (erguendo a mão)

Vai calar-se ou não?

INÊS (encarando-o sem medo, com enorme surpresa)

Ah! (*Um tempo.*) Esperem aí! Agora compreendi, agora sei por que nos puseram juntos!

GARCIN

Tome cuidado com o que vai dizer.

INÊS

Vão ver como é tolo. Tolo como tudo. Não existe tortura física, não é mesmo? E no entanto estamos no inferno. E ninguém mais chegará. Ninguém. Temos que ficar juntos, sozinhos, até o fim. Não é isso? Quer dizer que há alguém que faz falta aqui: o carrasco.

GARCIN (a meia voz)

Bem sei.

INÊS

Pois é. Fizeram uma economia de pessoal. Só isso. São os próprios fregueses que se servem, como nos restaurantes cooperativos.

ESTELLE

Que quer dizer?

INÊS

Cada um de nós é o carrasco para os outros dois.

(Um tempo. Eles ruminam a idéia.)

GARCIN *(como voz doce)*

Não serei o carrasco de ninguém. Não lhes desejo mal, e nada tenho que ver com as senhoras. Nada. É muito simples. Vejam só, cada qual no seu canto; esse é que é o jogo. A senhora aqui, a senhora ali, eu lá. E silêncio. Nem um pio. Não é difícil, não é mesmo? Cada um de nós tem muito que se incomodar consigo mesmo. Acho que eu seria capaz de passar dez mil anos sem falar.

ESTELLE

É preciso que eu me cale?

GARCIN

É, sim. E... e estaremos salvos. Calar-se, olhar em si mesmo, jamais erguer a cabeça. Estão de acordo?

ESTELLE *(depois de hesitar)*

De acordo.

GARCIN

Então, adeus.

(Dirige-se ao seu sofá e põe a cabeça entre as mãos. Silêncio. Inês põe-se a cantar para si mesma.)

Na rua das Capas-Branças
Eles plantaram palancas
E ergueram com alavancas
A força feita de trancas
Na rua das Capas-Branças

Na rua das Capas-Branças
Vêm chegando, andando em pancas
Tropeçando nas travancas
Algumas nobres carrancas
E o carrasco bruto espanca-as
Na rua das Capas-Branças

Na rua das Capas-Branças
Vieram damas algo mancas
Mas ainda mexendo as ancas
Um gesto qualquer estanca-as
E rolam do alto das bancas
As belas cabeças francas
Na sargeta das Capas-Branças¹.

(Nesse meio-tempo, Estelle empoa o rosto e pinta os lábios. Ao empoar-se, procura por todos os lados, inquieta, um

espelho. Remexe a sua bolsa, e volta-se para Garcin.)

ESTELLE

O senhor terá um espelho? (*Garcin não responde.*) Um espelho, um espelhinho de bolso, não importa. (*Garcin não responde.*) Se me deixam sozinha, pelo menos arranjam-me um espelho.

(Garcin continua com a cabeça entre as mãos, sem responder.)

INÊS (*com solicitude*)

Tenho um espelho na minha bolsa. (*Procura-o na bolsa. Com raiva*) Não está mais. Devem ter ficado com ele no depósito.

ESTELLE

Que aborrecimentos!

(Um tempo. Ela fecha os olhos e cambaleia. Inês corre e ampara-a.)

INÊS

Que tem?

ESTELLE (*abre os olhos e sorri*)

Sinto uma coisa esquisita. (*Apalpa-se.*) Com você não é assim também? Quando não me vejo, por mais que eu me apalpe, fico na dúvida se existo mesmo de verdade.

INÊS

Tem sorte. Eu sempre me sinto interiormente.

ESTELLE

Ah! Sim, interiormente. . . Tudo o que se passa nas cabeças é tão vago que me dá sono. (*Um tempo.*) Meu quarto de dormir tem seis espelhos grandes. Estou vendo todos. Estou vendo. Mas eles não me vêem. Eles refletem a conversadeira, o tapete, a janela. . . como é vazio um espelho em que eu não estou! Quando eu falava, sempre dava um jeito para que houvesse um espelho em que me pudesse ver. Eu falava e me via falar. Eu me via como os outros me viam, por isso ficava acordada. (*Com desespero*) Meu ruge! Tenho certeza de que me pintei mal. Mas eu não posso ficar sem espelho por toda a eternidade.

INÊS

Quer que eu lhe sirva de espelho? Venha, convido-a a vir à minha casa. Sente-se aí no meu sofá.

ESTELLE (*mostrando Garcin*)

Mas. . .

INÊS

Não se importe com ele.

ESTELLE

Nós vamos nos fazer mal, foi a senhora que disse.

INÊS

Acha que eu posso querer o seu mal?

ESTELLE

Sabe-se lá!

INÊS

Você é que me vai fazer mal. Mas, que importa? Já que é preciso sofrer, que seja por você. Sente-se. Venha mais perto. Mais. Olhe nos meus olhos, está se vendo neles?

ESTELLE

Estou tão pequenininha. Vejo-me muito mal.

INÊS

Mas eu vejo você, inteirinha. Faça-me perguntas. Nenhum espelho será mais fiel.

(Estelle, incomodada, volta-se para Garcin como para pedir auxílio.)

ESTELLE

O senhor, por favor! Não o incomoda a nossa tagarelance?

(Garcin não responde.)

INÊS

Deixe-o em paz; ele não conta mais; estamos sozinhas. Faça-me perguntas.

ESTELLE

Pintei bem meus lábios?

INÊS

Deixe-me ver. Não muito bem.

ESTELLE

Bem que eu desconfiava. Felizmente que *(lança um olhar para Garcin)* ninguém me viu. Vou pintar de novo.

INÊS

É melhor. Não. Acompanhe o desenho dos lábios; deixe que eu ajude. Assim, assim. Está bem.

ESTELLE

Tão bem como estava quando cheguei?

INÊS

Melhor. Mais pesado, mais cruel. Essa boca de inferno...

ESTELLE

Hum! Está bem mesmo? Como é desagradável; não poder julgar-me por mim mesma. A senhora jura que está bem mesmo?

INÊS

Não quer me tratar por "você"?

ESTELLE

Você jura que está bem?

INÊS

Você é linda.

ESTELLE

Mas será que a senhora tem bom gosto? O “meu” gosto? Como é desagradável, como é desagradável!

INÊS

Tenho, sim, o seu gosto, porque você me agrada. Olhe bem para mim. Sorria. Eu também não sou feia. Será que eu não valho mais do que um espelho?

ESTELLE

Não sei. A senhora me intimida. Minha imagem, nos espelhos, era domesticada. Eu a conhecia tão bem! . . . Eu vou sorrir; meu sorriso irá até o fundo das suas pupilas, e Deus sabe o que será dele!

INÊS

E quem impede você de me domesticar? (*Olham-se. Estelle sorri meio fascinada.*) Não quer mesmo me tratar por “você”?

ESTELLE

Custa-me tratar as mulheres por “você”.

INÊS

E particularmente as empregadas dos correios, imagino. Que é que você tem aí, no rosto, embaixo? Uma placa vermelha?

ESTELLE (*num sobressalto*)

Uma placa vermelha? Que horror! Onde?

INÊS

Aqui! Aqui! Eu sou o espelho das cotovias,² minha pequena cotovia; pilhei-a! Não há vermelhidão alguma! Nem sinal! Hein? Que tal se o espelho começasse a mentir? Ou se eu fechasse os olhos, se não quisesse olhar, que faria você de toda essa beleza? Não tenha medo, preciso olhar para você, meus olhos ficarão sempre bem abertos. E eu serei boazinha, bem boazinha. Mas você tem que me dizer “você”.

(*Um tempo.*)

ESTELLE

Você gosta de mim?

INÊS

Muito!

(*Um tempo.*)

ESTELLE (*designando Garcin com a cabeça*)

Gostaria que ele também olhasse para mim.

INÊS

Ora! Porque é um homem. (*A Garcin*) O senhor ganhou. (*Garcin não responde.*) Olhe para ela de uma

vez! (*Garcin não responde.*) Basta de comédia! O senhor não perdeu uma palavra do que dizíamos.

GARCIN (*erguendo bruscamente a cabeça*)

Diz bem: nem uma palavra. Por mais que enterrasse os dedos nos ouvidos, as senhoras falavam dentro da minha cabeça. Quer me deixar em paz agora? Não tenho nada com a senhora.

INÊS

E com essa pequena, tem alguma coisa? Percebi sua manobra, foi para interessá-la que o senhor tomou esses ares importantes.

GARCIN

Já disse que me deixe. Alguém, no jornal, está falando de mim e quero ouvir. Essa pequena não me interessa, pode ficar tranqüila.

ESTELLE

Obrigada.

GARCIN

Eu não queria ser grosseiro. . .

ESTELLE

Grosseirão!

(Um tempo. Estão de pé, uns diante dos outros.)

GARCIN

Está aí! (*Um tempo.*) Eu tinha pedido que se calassem.

ESTELLE

Foi ela quem começou. Veio oferecer-me o espelho, sem que eu tivesse pedido nada.

INÊS

Nada. Apenas esfregava-se nele e fazia tudo para que ele olhasse para você.

ESTELLE

E daí?

GARCIN

Estão loucas? Não estão vendo onde é que vamos parar? Calem-se de uma vez! (*Um tempo.*) Vamos nos sentar calmamente, fechar os olhos, e cada qual procurará esquecer a presença dos outros.

(Um tempo. Ele senta-se de novo. Elas voltam, hesitantes, para seus lugares. Inês vira-se bruscamente.)

INÊS

Ah! esquecer! Que infantilidade! Eu o sinto até nos meus ossos. Seu silêncio grita em minhas orelhas. Pode soldar a boca, pode cortar a língua, será que por isso o senhor deixaria de existir? Faria parar esse seu pensamento que estou ouvindo, que faz ti-

que-taque como um despertador? E sei que o senhor ouve o meu. É inútil encolher-se todo no seu sofá, o senhor está por toda parte, os sons me chegam sujos porque o senhor os ouviu quando passavam. O senhor roubou até meu próprio rosto, o senhor conhece o meu rosto e eu não conheço. E ela? Ela? O senhor roubou-a de mim, se estivéssemos sozinhas, pensa que ela me trataria como me trata? Não não! Tire essas mãos da cara. É cômodo, não é? Mas eu não deixo. O senhor ficaria aí, insensível, mergulhado em si mesmo como um Buda; eu, de olhos fechados, sentindo que ela lhe dedica todos os ruídos de sua vida, até mesmo o farfalhar do seu vestido, e lhe manda sorrisos que o senhor não vê. . . Nada disso! Quero escolher meu inferno, olhar para o senhor de olhos abertos e de rosto nu.

GARCIN

Está bem. Estou vendo que era preciso chegar a este ponto; eles manobraram conosco como se fôssemos criancinhas. Se me tivessem alojado entre homens. . . os homens sabem calar-se. Mas não se deve exigir muito. (*Aproxima-se de Estelle e acaricia-lhe o queixo.*) Então, menina, sou do seu gosto? Dizem que você estava de olho em mim. . .

ESTELLE

Não me toque.

GARCIN

Ora! Vamos ficar à vontade. Eu gostava muito de

mulheres, sabe? E elas de mim, muito. Esteja a gosto. Não temos nada mais a perder. Polidez, por quê? Cerimônias, por quê? À vontade! Daqui a pouco, estaremos nuzinhos como minhocas.

ESTELLE

Deixe-me!

GARCIN

Como minhocas! Ah! Eu avisei em tempo. Não lhes pedi nada, nada mais do que paz e um pouco de silêncio. Enterrei os dedos nos ouvidos. Gomez falava, de pé entre as mesas, e todos os companheiros ouviam. Em mangas de camisa. Eu queria entender o que dizia, mas era difícil, os acontecimentos da terra passam tão depressa. Vocês querem calar-se ou não? Agora, acabou-se; ele já não está falando, e o que pensa de mim entrou de novo na sua cabeça. Pois bem, temos que ir até o fim. E nus como minhocas: preciso saber com quem estou lidando.

INÊS

Já sabe. Agora já sabe.

GARCIN

Enquanto cada um de nós não confessar por que foi condenado, nada saberemos. Você aí, a loira, comece! Por que foi? Diga por que, sua franqueza pode evitar catástrofes; quando conhecermos nossos monstros. . . Vamos, por que foi?

ESTELLE

Digo que ignoro tudo. Eles não quiseram me contar.

GARCIN

Eu sei. A mim também não quiseram responder. Mas eu me conheço. Tem medo de ser a primeira a falar? Pois bem, eu começo. *(Um silêncio.)* Eu não sou boa coisa.

INÊS

Está certo. Sabe-se que o senhor desertou.

GARCIN

Deixe isso. Não fale nisso, nunca. Estou aqui porque torturei minha mulher. Apenas isso. Durante cinco anos. Naturalmente, ela ainda está sofrendo. Lá está ela: assim que falo dela, começo a vê-la. É Gomez que me interessa, e é ela que eu vejo. Onde está Gomez? Durante cinco anos. Sabem? Eles lhe entregaram as minhas roupas; ela está sentada perto da janela, e pôs meu paletó sobre os joelhos. O paletó tem doze buracos. O sangue parece ferrugem. Os bordos dos orifícios estão chamuscados. Ah! é uma peça de museu, um paletó histórico! E dizer que eu usei aquilo! Você vai chorar? Vai acabar por chorar? Eu entrava em casa bêbado como uma cabra, com cheiro de vinho e de mulher. Ela me havia esperado a noite toda; e não chorava. Nem uma palavra de censura, naturalmente. Apenas seus olhos. Seus grandes olhos. Não lastimo nada. Paguei, mas não lastimo nada. Cai neve lá fora. Mas

você vai chorar, afinal? É uma mulher que tem vocação para mártir.

INÊS *(quase com doçura)*

Por que a fez sofrer?

GARCIN

Porque era fácil. Uma palavra bastava para fazê-la mudar de cor; era uma sensitiva. Ah, nem uma censura! Sou muito implicante. Esperava, esperava sempre. Mas, nada, nem um choro, nem uma censura. Eu a tinha tirado da sargeta, compreendem? Ela passa a mão pelo meu paletó sem olhar. Seus dedos procuram os buracos, às cegas. Que é que você espera? Que é que você espera? Digo-lhe que não lastimo nada. Enfim, ela me admirava demais. Compreendem isso?

INÊS

Não. A mim ninguém admirava.

GARCIN

Tanto melhor. Tanto melhor para a senhora. Tudo isso pode parecer abstrato. Pois bem, eis aqui uma anedota. Eu tinha instalado em casa uma mulata. Que noites! Minha mulher, que dormia no primeiro andar, de certo ouvia tudo. Ela era a primeira a levantar-se e, como nós ficávamos deitados até tarde, ela nos trazia café com leite na cama.

INÊS

Sem-vergonha!

GARCIN

Pois é, pois é, o sem-vergonha bem-amado. (*Parece distraído.*) Não é nada. É Gomez; mas não está falando de mim. Um sem-vergonha, a senhora esta dizendo? Claro! Se não, que estaria eu fazendo aqui? E a senhora?

INÊS

Bem... Eu era o que se entende por uma mulher condenada. Já condenada, não é verdade? Por isso não houve grandes surpresas.

GARCIN

E é só?

INÊS

Não. Há também aquele caso com Florence. Mas é uma história de mortos. Três mortos. Primeiro ele, depois ela e eu. Não ficou ninguém mais; estou tranqüila; apenas o quarto. De tempos em tempos, vejo o quarto. Vazio, de janelas fechadas. Arre! Afinal tiraram os lacres. "Aluga-se"... Está para alugar. Tem um letreiro pregado na porta. É... irrisório.

GARCIN

Três? A senhora disse três?

INÊS

Três.

GARCIN

Um homem e duas mulheres?

INÊS

Sim.

GARCIN

Como? (*Um silêncio.*) Ele matou-se?

INÊS

Ele? Seria incapaz disso. E não é que não tivesse sofrido. Não. Ficou debaixo de um bonde, esmagado. Que pândega! Eu morava em casa deles; era meu primo.

GARCIN

Florence era loira?

INÊS

Loira? (*Olha para Estelle.*) Sabe de uma coisa? Não me arrependo de nada, mas não me agrada contar essa história.

GARCIN

Vamos! Vamos! Foi ficando com nojo dele?

INÊS

Pouco a pouco. Uma palavra aqui, outra ali... Por

exemplo, ele fazia barulho quando bebia, soprava pelo nariz dentro do copo. Coisinhas. Oh! Era um coitado, vulnerável. Por que está rindo?

GARCIN

Porque eu não sou vulnerável.

INÊS

Isso não se sabe. Eu escorreguei dentro dela; ela viu isso por meus olhos. . . Em conclusão, tive que ficar com ela. Tomamos um quarto no outro extremo da cidade.

GARCIN

E então?

INÊS

Então, "aconteceu" aquele bonde. . . Eu lhe dizia sempre: "Está vendo, meu bem? Nós o matamos".
(*Um silêncio.*) Eu sou má.

GARCIN

É. E eu também.

INÊS

Não. O senhor não é mau; é outra coisa.

GARCIN

O quê?

INÊS

Mais tarde eu lhe direi. Eu, sim, sou má, quer dizer que preciso do sofrimento dos outros para existir. Uma tocha. Uma tocha nos corações. Quando eu estou sozinha, apago-me. Durante seis meses eu ardi no seu coração; queimei tudo. Uma noite ela levantou-se, foi abrir a torneira do gás, sem que eu percebesse; depois, voltou, deitou-se a meu lado. É tudo.

GARCIN

Hum!

INÊS

Que há?

GARCIN

Nada. Isso não está direito.

INÊS

Pois é, não está direito. E daí?

GARCIN

Oh! Tem razão. (*A Estelle*) Você agora. Que foi que você fez?

ESTELLE

Já disse que eu não estava sabendo de nada. Por mais que eu me pergunte. . .

GARCIN

Bem. Então vamos ajudá-la. Aquele sujeito de cara rebentada, quem era?

ESTELLE

Que sujeito?

GARCIN

Você sabe muito bem. Aquele de quem você tinha medo, quando chegou aqui.

ESTELLE

Era um amigo

GARCIN

Por que tinha medo dele?

ESTELLE

O senhor não tem o direito de me interrogar.

INÊS

Foi por sua causa que ele se matou?

ESTELLE

Que nada! A senhora está louca.

GARCIN

Então, por que é que ele lhe metia medo? Deu um tiro na cara, hein? Foi isso que lhe arrancou a cabeça?

ESTELLE

Calem-se! Calem-se!

GARCIN

Por sua causa! Por sua causa!

INÊS

Um tiro por sua causa!

ESTELLE

Deixem-me em paz. Tenho medo de vocês. Quero ir-me embora! Quero ir-me embora! *(Precipita-se para a porta e a sacode.)*

GARCIN

Pode ir. Não quero outra coisa. Mas o diabo é que a porta está fechada por fora.

(Estelle aperta o botão da campainha, mas esta não toca. Inês e Garcin riem. Encostada à porta, Estelle volta-se para eles.)

ESTELLE *(com voz rouca e lenta)*

Vocês são ignóbeis

INÊS

Perfeitamente, ignóbeis. E daí. Então, o tal sujeito matou-se por sua causa. Era seu amante?

GARCIN

É claro que era seu amante. E queria você só para ele. Não é isso?

INÊS

Dançava tango como um profissional, mas era pobre, imagino.

(Um silêncio.)

GARCIN

Estamos perguntando se ele era pobre.

ESTELLE

Sim, era pobre.

GARCIN

Além disso, você tinha que zelar pela sua reputação.

Um dia, ele chegou, suplicou, e você fez troça.

INÊS

Hein? Hein? Você fez troça. E foi por isso que ele se matou?

ESTELLE

Era com esses olhos que você olhava para Florence?

INÊS

Era.

(Um tempo. Estelle começa a rir.)

ESTELLE

Estão errados. *(Apruma-se e encara-os, sempre encostada à porta. Num tom seco e provocante)* Ele queria que eu tivesse um filho. Pronto! Estão contentes?

GARCIN

E você, você não queria.

ESTELLE

Não queria. Mas a criança veio assim mesmo. Fui passar cinco meses na Suíça. Ninguém soube de nada. Era uma menina. Roger estava a meu lado quando ela nasceu. Achava interessante ter uma filha. Eu, não.

GARCIN

Depois?

ESTELLE

Havia um balcão sobre um lago. Arranjei uma pedra grande. Ele gritava: "Estelle, por favor, eu suplico!" Ou o detestava. Ele viu tudo. Debruçou-se no balcão e viu os círculos concêntricos na água do lago.

GARCIN

Depois?

ESTELLE

Nada mais. Voltei a Paris, e ele fez o que bem entendeu.

GARCIN

Estourou os miolos?

ESTELLE

Isso mesmo. Mas não era preciso fazer isso, meu marido não desconfiava de nada. *(Um tempo.)* Tenho ódio de vocês. *(Tem uma crise de soluços secos.)*

GARCIN

É inútil. Aqui as lágrimas não correm.

ESTELLE

Que covarde que eu sou! Que covarde! *(Um tempo.)* Se soubessem como tenho ódio de vocês!

INÊS *(tomando-a nos braços)*

Coitadinha! *(A Garcin)* Acabou-se o inquérito. Não adianta ficar com essa cara de carrasco.

GARCIN

De carrasco . . . *(Olhando em torno)* Daria tudo por me ver num espelho. *(Um tempo.)* Que calor! *(Maquinalmente, tira o paletó.)* Ah! Desculpe. *(Vai vesti-lo de novo.)*

ESTELLE

Pode ficar em mangas de camisa. Agora . . .

GARCIN

Está bem. *(Atira o paletó sobre o sofá.)* Não me queira mal, Estelle.

ESTELLE

Não lhe quero mal.

INÊS

E a mim? Você quer mal?

ESTELLE

Sim.

(Um silêncio.)

INÊS

Pois é, Garcin! Estamos nus como minhocas. Adianta alguma coisa?

GARCIN

Não sei. Talvez adiante um pouquinho. *(Com timidez)* Será que a gente não poderia experimentar ajudar-se uns aos outros?

INÊS

Não preciso que me ajudem.

GARCIN

Inês, eles embaraçaram todos os fios. Se você fizer o menor gesto, se erguer a mão para se abanar, Estelle e eu sentiremos o abalo. Nenhum de nós pode se salvar sozinho. Temos que nos perder juntos ou nos desvencilhar juntos. Escolha. *(Um tempo.)* Que tal?

INÊS

Eles já alugaram. As janelas estão completamente abertas, há um homem sentado na minha cama. Eles já alugaram! Eles já alugaram! Entre! Entre! Não faça cerimônias! É uma mulher. Ela se dirige a ele e põe a mão nos seus ombros . . . Que estão espe-

rando para acender a luz? Não se enxerga mais nada. Será que se vão beijar? Esse quarto é meu! É meu! Por que não acendem a luz? Não posso vê-los. Que é que estão cochichando? Será que ele vai acariciá-la na *minha* cama? Ela lhe diz que é meio-dia e que há muito sol. Será que estou ficando cega? (*Um tempo.*) Pronto. Acabou-se, não vejo mais, não escuto mais. Pois é. Acho que com a terra está tudo acabado. Nada de álibi. (*Estremece.*) Sinto-me vazia. Agora estou morta, de verdade. Completamente aqui. (*Um tempo.*) Que estava dizendo? Falava em ajudar-me, não é?

GARCIN
É.

INÊS
Em quê?

GARCIN
Em desmascará-los.

INÊS
A troco de quê?

GARCIN
Você me ajudará. É preciso muito pouco, Inês, apenas um pouquinho de boa vontade.

INÊS
Boa vontade? Onde é que vou achar isso? Eu estou podre.

GARCIN
E eu? (*Um tempo.*) Mas se experimentássemos, assim mesmo?

INÊS
Estou ressequida. Não posso receber nem dar; como quer que o ajude? Um galho morto, o fogo o devora. (*Um tempo. Olha Estelle, que tem a cabeça entre as mãos.*) Florence era loira.

GARCIN
Sabe você, por acaso, que essa pequena vai ser seu carrasco?

INÊS
É possível que eu já tenha desconfiado disso.

GARCIN
Com ela é que eles vão pegar você. Quanto a mim... eu... eu... ela não me interessa. Ao passo que você...

INÊS
O quê?

GARCIN
É uma armadilha. Eles estão à espreita, a ver se você vai na esparrela.

INÊS
Bem sei. E *you*, você é outra armadilha. Pensa que

eles não previram todas as suas palavras? E que de baixo delas não há alçapões que nós não vemos? Tudo é armadilha. Mas que me importa? Eu também sou uma armadilha. Uma armadilha para ela. Quem sabe se eu é que vou pegá-la?

GARCIN

Não vai pegar coisa alguma. Somos cavalinhos de pau, que correm, um atrás do outro, sem nunca se alcançarem. Acredite que eles prepararam tudo. Deixe ir embora, Inês. Abra as mãos, solte a presa! Do contrário, você fará a infelicidade de nós três.

INÊS

Será que eu tenho cara de quem desiste? Eu sei o que me espera. Vou arder, estou ardendo, e sei que isso não terá fim; sei tudo, pensa que eu desistirei? Hei de tê-la; ela há de ver você pelos meus olhos, como Florence via o outro. Que tem você que falar de sua desgraça? Digo que sei tudo e nem sequer posso ter pena de mim. Uma armadilha! Ah! uma armadilha! Naturalmente cai na esparrela. E daí? Tanto melhor se eles ficam satisfeitos com isso.

GARCIN (*tomando-a pelos ombros*)

Eu posso ter pena de você. Olhe para mim, estamos nus. Nus até os ossos; e conheço você até o fundo do coração. É um elo entre nós. Acredita que lhe queria fazer mal? Não me arrependo de nada, não me queixo; eu também estou ressequido. Mas de você eu posso ter pena.

INÊS (*que se abandonara enquanto ele falava, agora se desembaraça*)

Não me toque. Detesto que me toquem. E fique com a sua piedade. Vamos! Para você também, Garcin, há muitas armadilhas neste quarto. Para você. Preparadas para você. É melhor meter-se com sua vida. (*Um tempo.*) Se você nos deixar, a essa pequena e a mim, completamente em paz, tratarei de não prejudicar você em nada.

GARCIN (*olhando-a um momento, e depois dando de ombros*)

Está bem.

ESTELLE (*erguendo a cabeça*)

Socorro, Garcin!

GARCIN

Que quer de mim?

ESTELLE (*levantando-se e aproximando-se dele*)

A mim você pode ajudar.

GARCIN

Entenda-se com ela.

(*Inês, que se aproximou de Estelle, coloca-se bem atrás dela, sem tocá-la. Durante as réplicas que se seguem, ela lhe falará quase ao ouvido. Mas Estelle, voltada para Garcin, que a olha sem falar,*

*responde apenas a este, como se fosse
ele quem a interrogasse.)*

ESTELLE

Por favor, o senhor me prometeu, o senhor me prometeu! Garcin, depressa, depressa! Não quero ficar sozinha. Olga levou-o ao *dancing*.

INÊS

Levou a quem?

ESTELLE

Pierre. Estão dançando juntos.

INÊS

Quem é Pierre?

ESTELLE

Um bobinho. Ele me chamava a sua água viva. Ele gostava de mim. Ela levou-o ao *dancing*.

INÊS

Você gosta dele?

ESTELLE

Sentam-se novo. Ela está exausta. Por que é que ela dança? A não ser para emagrecer. Decerto que não. Decerto eu não gostava dele. Ele tem dezoito anos e eu não sou nenhum bicho-papão.

INÊS

Então, deixe-os. Por que se incomodar com isso?

ESTELLE

Ele era meu.

INÊS

Nada mais é seu sobre a terra.

ESTELLE

Ele era meu.

INÊS

Sim, *era*. Experimente tomá-lo, experimente tocá-lo. Olga sim, pode tocá-lo. Não é? Não é? Pode pegar nas suas mãos, roçar nos seus joelhos.

ESTELLE

Ela empurra contra ele o peito enorme, ela respira no seu rosto. Pequeno Polegar, pobre Pequeno Polegar, que está esperando para dar-lhe uma gargalhada na cara? Ah! bastava um olhar meu, ela não se atreveria, nunca... Será que não sou mesmo mais nada?

INÊS

Mais nada. E não há mais nada de você sobre a terra, tudo quanto você tem está aqui. Quer a faca de cortar papel? O bronze de Barbedienne? O sofá azul é seu. E eu, meu bem, eu sou sua, para sempre.

ESTELLE

Ah! Minha? Mas qual é de vocês que teria a coragem de me chamar sua água viva? A vocês não se

pode enganar, vocês sabem que eu sou um lixo. Pense em mim, Pierre, pense só em mim, defenda-me. Enquanto você pensar: “minha água viva, minha querida água viva”, eu não estarei aqui senão pela metade, não serei senão meio culpada, serei água viva aí embaixo, perto de você. Ela está vermelha como um tomate. Ora, isso é impossível, tantas vezes nós rimos dela, juntos. Que música é essa? Eu gostava tanto dela! Ah! é o *Saint Louis Blues*. Pois que dançam! Garcin, você havia de se divertir se pudesse vê-la. Ela nunca saberá que eu a *estou vendo*. Estou vendo você, estou vendo você com esse penteado desmanchado, essa cara transtornada e pisando nos pés dele. É de se morrer de rir. Vamos! Mais depressa! Mais depressa! Ele a puxa, ele a empurra. É indecente. Mais depressa! Ele me dizia: “Você é tão leve!” Vamos, vamos! (*Dança enquanto fala.*) Aviso a você que estou vendo. Ela pouco se importa, e dança através do meu olhar. “Nossa querida Estelle”. Que nossa querida Estelle!? Ah! cale-se! Nem sequer chorou uma lágrima no meu enterro! Ela disse a ele: “Nossa querida Estelle”. Tem a coragem de lhe falar de mim! Vamos! Atenção ao compasso. Nunca ela seria capaz de falar e dançar ao mesmo tempo. Mas, o que é que... Não, não! Não lhe conte nada! Fique com ele, leve-o, guarde-o, faça dele o que quiser, mas não lhe conte nada... (*Ela parou de dançar.*) Bom. Pois bem, agora pode ficar com ele para você. Garcin, ela contou tudo: Roger, a viagem à Suíça, a criança, ela contou tudo! “Nossa querida Estelle

não era...” Não, não, de fato, eu não era... Ele sacode a cabeça com um ar tristonho, mas não se pode dizer que a notícia o transtornou. Fique com ele agora. Não vou disputar com você aqueles longos cílios e aqueles ares de menina que ele tinha. Ah! Ele me chamava sua água viva, seu cristal. Pois o cristal quebrou-se em pedaços. “Nossa querida Estelle”... Dançam, dançam! Vamos! Atenção ao compasso! Um, dois... (*Dança.*) Daria tudo no mundo para voltar um instante à terra e dançar, um só instante. (*Dança; um tempo.*) Já não estou ouvindo bem. Apagaram as luzes, como para um tango; por que tocam em surdina? Mais alto! Como está longe! Eu... Não ouço mais nada. (*Deixa de dançar.*) Nunca mais. A terra me abandonou. Garcin, olhe para mim! Abrace-me.

(*Por trás de Estelle, Inês faz a Garcin sinal para que se afaste.*)

INÊS (*autoritariamente*)

Garcin!

GARCIN (*recuando um passo e mostrando Inês a Estelle*)

Entenda-se com ela.

ESTELLE (*agarrando-o*)

Não fuja! Você não é homem? Vamos, olhe para mim, não desvie os olhos: será tão custoso? Meus cabelos são de ouro, e, além do mais, alguém se ma-

tou por mim. Eu lhe peço, você tem que olhar para qualquer coisa. Se não for para mim, será para o bronze, para a mesa ou para os sofás. Vale mais a pena olhar para mim, apesar de tudo. Ouça, eu caí do coração deles como um pássaro pequeno cai do ninho. Apanhe-me, ponha-me no seu coração, verá como serei boazinha.

GARCIN (*repelindo-a a custo*)
Peço-lhe que se entenda com ela.

ESTELLE
Com ela? Não conta, é uma mulher.

INÊS
Eu não conto? Mas, meu passarinho, minha pequenina cotovia, há muito tempo que você está abrigada no meu coração. Não tenha medo; olharei para você sem parar, sem um estremecimento de pálpebras. Você viverá no meu olhar como uma lentejola num raio de sol.

ESTELLE
Um raio de sol? Ora! Não me amole! Há pouco você já quis me pregar uma boa, e viu que não deu certo.

INÊS
Estelle, minha água viva, meu cristal. . .

ESTELLE

Seu cristal? É grotesco. Quem é que você está querendo enganar? Todo mundo sabe muito bem que atirei a criança pela janela. O cristal está em pedacinhos, no chão, e não me importo. Sou apenas uma pele — e minha pele não é para você.

INÊS

Venha! Você será o que quiser: água viva, água suja, você será, no fundo dos meus olhos, aquela que você quiser ser.

ESTELLE

Largue-me! Você não tem olhos! Que hei de fazer para que você me deixe? Tome!

(*Cospe-lhe no rosto, Inês a solta bruscamente.*)

INÊS

Garcin, você me paga.

(*Um tempo; Garcin ergue os ombros e dirige-se a Estelle.*)

GARCIN

Então? Você quer mesmo um homem?

ESTELLE

Um homem, não. Você.

GARCIN

Nada disso. Qualquer um serviria. Como só eu estou aqui, tem que ser eu. Bom. *(Toma-a pelos ombros.)* Bem sabe que não tenho nada de que você goste, não sou um bobinho e não danço tango.

ESTELLE

Aceito-o como você é. Talvez eu o transforme...

GARCIN

Duvido. Eu serei... distraído. Tenho outras coisas em que pensar.

ESTELLE

Que coisas?

GARCIN

Para você não teriam interesse.

ESTELLE

Vou sentar-me no seu sofá e esperar que você se ocupe de mim.

INÊS *(numa gargalhada)*

Ah! Cadela! De rastros! De rastros! E ele nem mesmo é bonito!

ESTELLE *(a Garcin)*

Não ouça o que ela diz. Ela não tem olhos, ela não tem ouvidos. Ela não existe.

GARCIN

Eu darei a você o que puder. Não é muito. Amor, não, eu conheço você demais.

ESTELLE

Você me deseja?

GARCIN

Sim.

ESTELLE

É quanto me basta.

GARCIN

Pois então... *(Inclina-se sobre ela.)*

INÊS

Estelle! Garcin! Vocês perderam o juízo! Mas eu estou aqui!

GARCIN

Estou vendo. E daí?

INÊS

Diante de mim? Vocês não... vocês não podem!

ESTELLE

Por que não? Sempre me despi diante da minha criada de quarto.

INÊS (*agarrando-se a Garcin*)

Deixa-a! Deixa-a! Não a toque com essas mãos sujas de homem!

GARCIN (*empurrando-a violentamente*)

Basta! Não sou nenhum cavalheiro e não me importo de bater numa mulher!

INÊS

Você me prometeu, Garcin! Você me prometeu! Por favor, você me prometeu!

GARCIN

Foi você que faltou com a palavra.

(Inês se afasta e recua até o fundo do quarto.)

INÊS

Façam o que quiserem. Vocês são os mais fortes. Mas lembrem-se de que eu estou aqui, olhando. Não tirarei os olhos de você, Garcin; você terá que beijá-la sob o meu olhar. Que ódio tenho de vocês dois! Amem-se! Amem-se! Estamos no inferno, e a minha vez chegará.

(Durante a cena seguinte, ela olhará sem nada dizer.)

GARCIN (*volta-se para Estelle e segura-a pelos ombros*)

Dê-me a sua boca.

(Um tempo. Debruça-se sobre ela e ergue-se bruscamente.)

ESTELLE (*num gesto de despeito*)

Ah!... *(Um tempo.)* Eu disse que não se importasse com ela.

GARCIN

Não se trata disso. *(Um tempo.)* Gomez está no jornal. Fecharam as janelas: quer dizer que é inverno. Seis meses. Faz seis meses que eles me... Não lhe avisei que eu poderia ficar distraído? Eles estão tremendo de frio; não tiraram os paletós... É esquisito que estejam com tanto frio por lá, e eu aqui com tanto calor. Desta vez, é de mim que ele está falando.

ESTELLE

Será que isso vai demorar? *(Um tempo.)* Pelo menos conte-me o que ele está dizendo.

GARCIN

Nada. Não está dizendo nada. É apenas um safado. *(Presta atenção.)* Um safardana. Bah! *(Chega-se a Estelle.)* Vamos tratar de nós. Você gostará de mim?

ESTELLE (*sorrindo*)

Quem sabe?

GARCIN

Terá confiança em mim?

ESTELLE

Que pergunta boba: você não sairá dos meus olhos, e não é com Inês que você me há de enganar.

GARCIN

É evidente. (*Um tempo. Afasta Estelle.*) Eu me referia a uma outra confiança. (*Escuta.*) Vá! Diga o que quiser: não estou aí para me defender. (*A Estelle*) Estelle, é *preciso* que você tenha confiança em mim.

ESTELLE

Que complicação! Mas você tem minha boca, meus braços, meu corpo inteiro... seria tudo tão simples... Minha confiança? Mas eu não tenho confiança para oferecer a você; é horrível como você me constrange. Ah! Para exigir assim minha confiança, você deve ter feito qualquer coisa de muito ruim.

GARCIN

Eles me fuzilaram.

ESTELLE

Já sei: você recusou-se a partir. Depois?

GARCIN

Não. Não me recusei propriamente. (*Aos invisíveis*) Ele fala bem, sabe atacar, mas não diz o que se de-

via fazer. Então, eu havia de entrar pela casa do general e dizer: "Meu general, recuso-me a partir"? Que tolice! Estaria no xadrez. Eu queria manifestar-me, sim, manifestar-me! Não queria que eles abafassem minha voz. (*A Estelle*) E eu... Eu tomei o trem, eles me prenderam na fronteira.

ESTELLE

Queria ir para onde?

GARCIN

Para o México. Pensava lançar ali um jornal pacifista. (*Um silêncio.*) Então? Diga alguma coisa!

ESTELLE

Que quer que eu diga? Você fez bem, já que não queria combater. (*Gesto contrariado de Garcin.*) Ora, meu bem, não posso adivinhar o que é que devo responder.

INÊS

Meu tesouro, você deve dizer que ele fugiu como um leão. Porque ele fugiu, o seu queridinho. E é isso que o atormenta.

GARCIN

Fugiu, partiu: diga como entender.

ESTELLE

Era natural que fugisse. Se você tivesse ficado, eles o agarrariam.

GARCIN

Claro. (*Um tempo.*) Estelle, você acha que eu sou um covarde?

ESTELLE

Mas eu não sei, meu amor; eu não estou na sua pele. Você é que tem que resolver.

GARCIN (*com um gesto cansado*)

Não sei resolver.

ESTELLE

Afinal de contas, você deve lembrar-se; deve ter tido razões para fazer o que fez.

GARCIN

Sim.

ESTELLE

E então?

GARCIN

Mas será que essas razões eram justas?

ESTELLE (*desorientada*)

Como você é complicado!

GARCIN

Eu queria manifestar-me; eu... eu tinha pensado muito... Será que as minhas razões eram justas?

INÊS

Ah! Esse é que é o caso. Será que as razões eram justas? Você raciocinava, não queria alistar-se le-vianamente. Mas o medo, o ódio, todas essas sujei-ras que a gente esconde, *também* são razões. Va-mos! Procure, pergunte a si mesmo!

GARCIN

Cale-se! Pensa que eu preciso de seus conselhos? Eu andava, na minha cela, noite e dia, da porta à janela, da janela à porta. Eu era o espião de mim mesmo. Fui seguindo meu próprio rastro. Tenho a impressão de que passei toda uma vida a interro-gar-me. Mas estava tudo consumado. Eu... tomei o trem — quanto a isso, não há dúvida. Mas por quê? Por quê? Enfim, pensei: minha morte é que vai decidir. Se eu morrer limpamente, terei provado que não sou um covarde...

INÊS

E como foi a sua morte, Garcin?

GARCIN

Foi mal. (*Inês desanda em gargalhadas.*) Ora! Ape-nas uma fraqueza corporal. Não me envergonho. Mas o fato é que tudo ficou no ar, para sempre. (*A Estelle*) Venha aqui, você. Olhe bem para mim. Pre-ciso que alguém olhe para mim enquanto estão fa-lando de mim na terra. Gosto dos olhos verdes.

INÊS

Olhos verdes? Essa é boa? E você, Estelle, gosta dos covardes?

ESTELLE

Se soubesse como pouco me importo com isso! Covarde ou não, contanto que ele saiba beijar.

GARCIN

Eles abanam a cabeça, chupando seus charutos; estão caceteados. Eles pensam: "Garcin é um covarde". Pensem o que pensarem, moles, fracos, sem convicção. Garcin é um covarde, eis o que ficou decidido entre eles, os meus companheiros. Daqui a seis meses começarão a dizer: "Covarde como Garcin". Vocês duas têm sorte: na terra, ninguém se preocupa com vocês. Para mim, a vida é pior.

INÊS

E sua mulher, Garcin?

GARCIN

Minha mulher? O que tem isso? Está morta.

INÊS

Morta?

GARCIN

Esqueci de contar. Morreu agora mesmo. Há dois meses, mais ou menos.

INÊS

De desgosto?

GARCIN

De desgosto, é claro! De que queria que morresse? Ora! Tudo vai bem: acabou-se a guerra, minha mulher morreu e eu passei às páginas da história.

(Garcin tem um soluço seco, e passa as mãos pelo rosto. Estelle abraça-o.)

ESTELLE

Meu bem, meu bem! Olhe para mim, querido! Toque em mim, toque em mim! *(Toma-lhe a mão e leva-a ao seio.)* Ponha a mão no meu seio! *(Garcin faz um gesto para se desembaraçar dela.)* Deixe sua mão, deixe! Não se mexa! Que importa o que pensem de você? Todos eles hão de morrer. Esqueça-os. Só eu é que existo.

GARCIN *(retirando a mão)*

Não, eles não me esquecem. Vão morrer, sim, mas virão outros que hão de repetir a senha. Deixei minha vida em suas mãos.

ESTELLE

Ora! Você pensa demais.

GARCIN

Que fazer? Antes eu agia... Ah! poder voltar a estar entre eles, um dia só! Que reviravolta! Mas

eu estou fora do jogo. Dão o balanço sem contar comigo e têm razão, pois que estou morto. Morto como um rato. *(Ri.)* Caí no domínio público.

(Um tempo.)

ESTELLE *(com doçura)*

Garcin!

GARCIN

Você está aí? Pois bem, escute-me. Você vai me fazer um favor. Não, não diga que não. Sei que você há de achar esquisito que se possa pedir um favor a você; você não está habituada a isso. Mas se você quisesse, fizesse um esforço, nós poderíamos nos amar de verdade. Veja só: são mil a repetir que sou um covarde. Mas o que são mil? Se houvesse uma alma, uma só, que afirmasse, com todas as suas forças, que eu não fugi, que eu *não posso* ter fugido, que eu tenho coragem, que sou um sujeito direito, tenho . . . tenho certeza de que me salvaria. Acredite em mim: Eu ficarei gostando mais de você do que de mim mesmo.

ESTELLE *(rindo)*

Idiota, meu querido idiota! Então você pensa que eu seria capaz de amar um covarde?

GARCIN

Mas você dizia . . .

ESTELLE

Eu estava brincando com você. Gosto de homens, Garcin, de homens de verdade, de pele áspera e mãos fortes. Você não tem o queixo de um covarde, a boca de um covarde, a voz de um covarde; seus cabelos não são os de um covarde. E é pela sua boca, pela sua voz, pelos seus cabelos que eu gosto de você.

GARCIN

Verdade? Verdade mesmo?

ESTELLE

Quer que eu jure?

GARCIN

Agora, eu desafio a todos: aos que estão lá embaixo e os que estão aqui. Estelle, nós vamos sair do inferno. *(Inês dá uma gargalhada. Ele se interrompe e encara-a.)* O que há?

INÊS *(rindo)*

Ela não acredita em nada do que está dizendo. Será que você é tão ingênuo assim? "Estelle, acha que sou um covarde?" Se você soubesse como ela está rindo de suas palavras!

ESTELLE

Inês! *(A Garcin)* Não ouça o que ela diz. Se quer que eu confie em você, comece por confiar em mim.

INÊS

Pois sim! Pois sim! Confie nela! Ela precisa de um homem, acredite, de um braço de homem na sua cintura, de um cheiro de homem, de um desejo de homem em olhos de homem... Quanto ao mais... Ah! Ela diria até que você é o Pai Eterno, se é que isso agradaria a você.

GARCIN

Estelle! É verdade isso! Responda! É verdade?

ESTELLE

Que quer que eu lhe diga? Não entendo essas coisas. *(Batendo o pé)* Que irritante que é tudo isso! Mesmo que você fosse um covarde, eu gostaria de você. Pronto! Não basta isso?

(Um tempo.)

GARCIN *(às duas mulheres)*

Tenho nojo de vocês. *(Dirige-se à porta.)*

ESTELLE

Que vai fazer?

GARCIN

Vou-me embora.

INÊS *(depressa)*

Não irá muito longe: a porta está fechada.

GARCIN

Eles têm que abrir.

(Aperta o botão elétrico; a campainha não toca.)

ESTELLE

Garcin!

INÊS *(a Estelle)*

Não se importe: a campainha está quebrada.

GARCIN

Pois garanto que eles hão de abrir. *(Bate na porta com os nós dos dedos.)* Não agüento mais vocês, não agüento mais. *(Estelle corre para ele e ele a repele.)* Vá! Tenho ainda mais nojo de você do que dela. Não quero apodrecer nos seus olhos. Você é pegajosa, mole! Você é um polvo, um pântano. *(Bate contra a porta.)* Abrem ou não?

ESTELLE

Garcin, por favor, não vá! Não falarei mais, deixarei você tranquilo, mas não vá! Inês pôs as garras de fora, não quero ficar sozinha com ela!

GARCIN

Arranje-se! Não lhe pedi que viesse.

ESTELLE

Covarde, covarde! Você é mesmo um covarde.

INÊS (aproximando-se de Estelle)

Então, minha cotovia, está satisfeita? Para agradá-lo você me cuspiu no rosto, e brigamos por causa dele. Mas o desmancha-prazer vai-se embora, vai nos deixar entre mulheres.

ESTELLE

Você nada aproveitará com isso. Se essa porta se abrir, eu também irei.

INÊS

Aonde?

ESTELLE

Não importa. O mais longe possível de você.

(Garcin não cessou de bater na porta.)

GARCIN

Abram! Vamos, abram! Aceitarei tudo: todos os suplícios, as tenazes, o chumbo derretido, as pinças, o garrote, tudo o que queima, tudo o que rasga; quero sofrer de verdade. Prefiro cem dentadas, prefiro a chibata, o vitríolo a este sofrimento cerebral, esse fantasma de sofrimento, que roça, que acaricia e que nunca dói bastante. *(Agarra o trinco da porta e o sacode.)* Abrem ou não? *(A porta se abre bruscamente, ele quase cai.)* Ah!

(Um longo silêncio.)

INÊS

Então, Garcin? Pode ir.

GARCIN (lentamente)

Não compreendo como foi que se abriu esta porta.

INÊS

Que está esperando? Vá, vá, depressa!

GARCIN

Não, não vou.

INÊS

E você, Estelle? *(Estelle não se move; Inês dá uma gargalhada.)* Então? Qual de nós? Qual de nós três? O caminho está livre; quem é que nos prende? Ah! É de morrer de rir! Nós somos inseparáveis!

(Estelle atira-se sobre ela, pelas costas.)

ESTELLE

Inseparáveis? Garcin, ajude-me depressa, ajude-me! Vamos arrastá-la para fora e fechar a porta! Ela vai ver!

INÊS (debatendo-se)

Estelle! Estelle! Eu lhe peço, fique comigo! No corredor não! Não me atire no corredor!

GARCIN

Solte-a!

ESTELLE

Está louco? Ela tem ódio de você.

GARCIN

Foi por causa dela que eu fiquei.

(Estelle solta Inês e olha, assombrada, para Garcin.)

INÊS

Por minha causa? *(Um tempo.)* Bom. Então fechem a porta. Faz dez vezes mais calor depois que ela se abriu. *(Garcin fecha a porta.)* Por minha causa?

GARCIN

Sim. Você sabe o que é um covarde.

INÊS

Sei, sim.

GARCIN

Você sabe o que é o mal, a vergonha, o medo. Houve dias em que você se enxergou até o fundo do coração — e isso a deixava aniquilada. E, no dia seguinte, você não sabia o que pensar, não conseguia decifrar a revelação da véspera. Sim, você sabia o preço do mal. E quando diz que sou um covarde, é com conhecimento de causa, não é mesmo?

INÊS

É.

GARCIN

É você que eu devo convencer: você é da minha laia. Pensou então que eu iria embora? Eu não poderia deixar você aqui, triunfante, com todos esses pensamentos na cabeça; esses pensamentos que me dizem respeito.

INÊS

Quer mesmo convencer-me?

GARCIN

Não quero outra coisa. Já não os escuto mais, sabe? Decerto é porque não têm nada mais a ver comigo. Acabou-se. Está arquivado o caso; nada mais sou sobre a terra, nem mesmo um covarde. Estamos sós agora, Inês: só restam vocês duas capazes de pensar em mim. Ela não conta. Mas você, você que me odeia, se acreditar em mim poderá salvar-me.

INÊS

Não será fácil. Olhe para mim: tenho a cabeça dura.

GARCIN

Empregarei nisso o tempo todo que for necessário.

INÊS

Oh! Você tem o tempo todo. O tempo *todo*.

GARCIN *(tomando-a pelos ombros)*

Escute! Cada qual tem o seu alvo, não é mesmo? Eu sempre desprezei o dinheiro, o amor. Queria ser

um homem. Um forte. Apostei tudo numa só cartada. Pode ser um covarde aquele que escolheu os caminhos mais perigosos? Pode-se julgar toda uma vida por um só ato?

INÊS

Por que não? Durante trinta anos você sonhou que tinha coragem; e permitiu-se mil pequenas fraquezas, porque aos heróis tudo é permitido. Que cômodo que era! Depois, na hora do perigo, encostaram você à parede. . . e você tomou o trem para o México.

GARCIN

Nunca sonhei tal heroísmo. Escolhi-o. A gente é o que a gente quer ser.

INÊS

Prove, então. Prove que não era um sonho. Só os atos decidem sobre o que a gente quis.

GARCIN

Morri cedo demais. Não me deram tempo de praticar os *meus* atos.

INÊS

Morre-se sempre cedo demais — ou tarde demais. No entanto, a vida aí está: liquidada. Já foi passado o traço debaixo das parcelas, resta fazer a soma. Você nada mais é do que a sua vida.

GARCIN

Víbora! Tem sempre resposta para tudo!

INÊS

Ora, vamos! Não desista. Deve ser fácil a você persuadir-me. Procure argumentos, faça um esforço. (*Garcin sacode os ombros.*) Então, como é? Não disse que você era vulnerável? Ah! agora você vai pagar caro. Você é um covarde, Garcin, porque eu quero que seja. Eu quero, compreende? Eu quero! No entanto, veja que fraquinha que sou, um sopro. Sou apenas o olhar que está vendo você, o pensamento incolor que está pensando em você. (*Ele caminha para ela, de mãos abertas.*) Ah! Abrem-se agora essas mãos grossas de homem. A troco de quê? Não se agarram pensamentos com as mãos. Vamos! Não tem o que escolher, tem que me convencer. Peguei-o!

ESTELLE

Garcin!

GARCIN

O que é?

ESTELLE

Vingue-se!

GARCIN

Como?

ESTELLE

Beije-me, e ela terá que agüentar.

GARCIN

É verdade, Inês! Você me pilhou, mas pilhei-a também.

(Debruça-se sobre Estelle. Inês dá um grito.)

INÊS

Ah! Covarde, covarde! Vá! Vá fazer-se consolar por mulheres!

ESTELLE

Agüente, Inês, agüente!

INÊS

Bonito par! Se você visse essa pata grossa achatada nas suas costas, machucando a carne e o vestido. Ele tem as mãos pegajosas, está transpirando. Vai deixar no vestido uma mancha azul.

ESTELLE

Agüente! Agüente! Aperte-me mais ainda contra você, Garcin! Ela não agüentará.

INÊS

Isso mesmo, aperte-a bem forte, aperte-a! Misturem bem os seus calores! Que bom que é o amor, hein

Garcin? É morno e profundo como o sono, mas eu não deixarei você dormir.

(Gesto de Garcin.)

ESTELLE

Não ouça o que ela diz. Tome a minha boca! Sou sua, toda sua!

INÊS

Então? O que é que você está esperando? Faça o que mandam! Garcin, o covarde, tem nos seus braços a Estelle, a infanticida. Façam as apostas! Garcin, o covarde, conseguirá beijá-la? E eu estou vendo vocês, vendo vocês! Eu sozinha, sou toda uma multidão, a multidão, Garcin, a multidão, compreende? *(Murmurando)* Covarde! Covarde! Covarde! Covarde! É inútil fugir de mim, não deixarei você. Que é que está procurando nos lábios dela? O esquecimento? Mas eu, eu não esquecerei você. E é a mim que você tem que convencer. A mim! Venha, venha! Espero por você. Veja, Estelle, ele já desaperta o seu abraço, é obediente como um cachorro. . . Você não há de tê-lo!

GARCIN

Não ficará escuro, nunca?

INÊS

Nunca.

GARCIN

Você me verá sempre?

INÊS

Sempre.

(Garcin deixa Estelle e dá alguns passos pela cena. Aproxima-se do bronze.)

GARCIN

O bronze... *(Apalpa-o.)* Pois bem! É agora. O bronze aí está, eu o contemplo e compreendo que estou no inferno. Digo a vocês que tudo estava previsto. Eles previram que eu havia de parar diante desta lareira, tocando com minhas mãos esse bronze, com todos esses olhares sobre mim. Todos esses olhares que me comem. *(Volta-se brusca-mente.)* Ah! Vocês são só duas? Pensei que eram muito mais numerosas. *(Ri.)* Então, isto é que é o inferno? Nunca imaginei... Não se lembram? O enxofre, a fogueira, a grelha... Que brincadeira! Nada de grelha. O inferno... são os Outros.

ESTELLE

Meu amor!

GARCIN *(repelindo-a)*

Deixe-me. Ela está entre nós dois. Não posso amar quando ela me vê.

ESTELLE

Ah! É assim! Pois ela não nos verá mais.

(Toma a faca de cortar papel que está sobre a mesa, precipita-se sobre Inês, desferindo-lhe vários golpes.)

INÊS *(debatendo-se e rindo)*

Que é que você está fazendo? Que é que você está fazendo? Está louca? Não sabe que estou morta?

ESTELLE

Morta?

(Deixa cair a faca de cortar papel. Um tempo. Inês apanha-a e põe-se a golpear-se com raiva.)

INÊS

Morta! Morta! Morta! Nem a faca, nem o veneno, nem a força. Está tudo *acabado*, compreende? E estamos juntos para sempre. *(Ri.)*

ESTELLE *(numa gargalhada)*

Para sempre, meu Deus! Que engraçado! Para sempre!

GARCIN *(que ri, olhando as duas)*

Para sempre!

(Caem sentados cada qual sobre o seu

sofá. Um longo silêncio. Deixam de rir e entreolham-se. Garcin ergue-se.)

GARCIN

Pois é, continuemos!

CAIOPANO

20. 7. 1911 pm

NOTAS DO TRADUTOR

1. Na livre tradução destes versos são mantidas rigorosamente a métrica e a *rima única* (esta, de propósito, extravagante e rara), para que possam ser cantados com a música original, se houver. Quanto ao sentido da composição, apenas o espírito é mais ou menos conservado.

2. Na Europa, as cotovias caçam-se com espelhos.